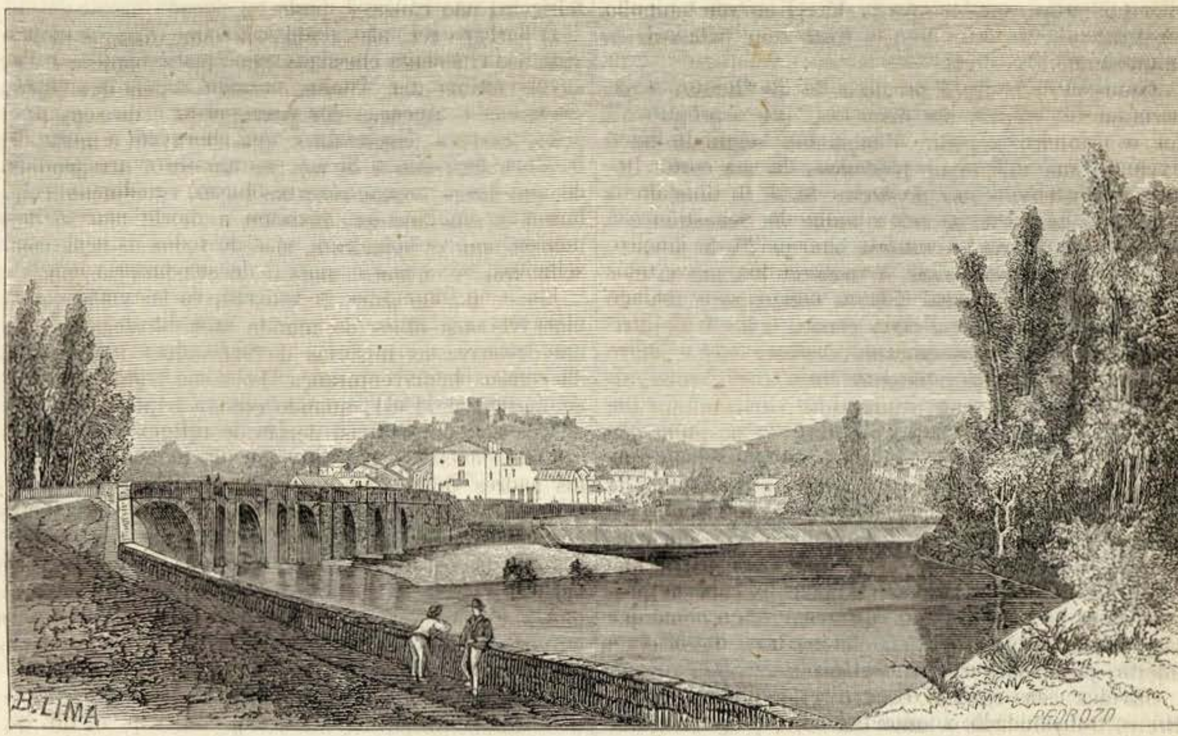


Vista pittoresca do Nabão e da cidade de Thomar

Desde que a rainha D. Maria I mandou abrir a nova estrada de Lisboa para Coimbra, passando por Leiria, ficou desprezada a estrada velha, que, dirigindo-se mais pelo interior do paiz, ligava com as duas primeiras cidades as importantes villas de Santarem e Thomar. Dizer que ficou desprezada equivale a declarar que em breves annos apresentava essa estrada o mais lamentavel quadro de ruina, e que a esta ruina seguiu-se com a mesma rapidez a decadencia das duas industriosas povoações, que estão sentadas á beira do Tejo e do Nabão.

Santarem ainda encontrou na via fluvial algum auxilio para contrabalançar os prejuizos que lhe resultaram d'aquella mudança. Porém a villa, hoje cidade, de Thomar não achou compensação alguma para o triste abandono em que a deixaram. Desde então até ha pouco tempo, em que o caminho de ferro do norte, passando a uns sete kilometros de seus muros, lhe foi levar vida e animação, póde-se dizer afoitamente que ninguem a visitâva levado da curiosidade de viajante. Pois poucas terras ha no reino que mereçam tanto ser visitadas; poucas ha que encerrem tão variados e apreciaveis monumentos historicos e artisticos, e que ostentem em volta de si paizagens tão louçãs e graciosas.

Já começámos a mostrar aos nossos leitores algumas bellezas naturaes d'esta linda terra. Não tardaremos a dar-lhes conhecimento das suas bellezas artisticas e dos seus padrões de antiguidade.

A gravura, cópia de um desenho original do sr. Barbosa Lima, executado na madeira com muita perfeição pelo sr. Pedroso, mostra no fundo o castello dos templarios, coevo com a fundação da monarchia, campeando senhorilmente, a par do convento da opulenta ordem de Christo, sobre um monte sobranceiro á cidade. D'esta, edificada em uma planicie entre o monte do castello e o rio, apenas figuram na estampa alguns poucos edificios d'entre os que mais se avisinham do Nabão.

A ponte, construcção antiga, liga a parte principal da cidade, sentada na margem direita, com o bairro ou arrabalde que se estende pela margem esquerda. Á entrada da ponte lá avulta, do lado esquerdo, a estatua de S. Christovão, tosca e grosseiramente cinzelada, e tão antiga que a acção do tempo lhe tem gastado e quasi de todo extincto as feições e as pregas da roupagem, não obstando taes estragos, nem o grosseiro da obra, á devoção popular, que é grande, e que a seu turno não tem concorrido pouco para a destruição do santo, pois que os devotos lhe vão raspando as pernas e roupas, para levarem o pó como reliquia e remedio. Em fim, o Nabão, retratando em suas limpidas aguas os arvoredos que o orlam, completa esse quadro de tão amena e risonha paizagem, de tão pittorescos e variados contrastes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS PORTUGUEZAS DO PRIOR DO CRATO

(Vid. pag. 378)

I

Á MAGESTADE D'ELREY CHRISTIANISSIMO HENRIQUE QUARTENO

«Ainda que a commum obrigação dos reis que Deus prospera seja favorecer e amparar aos que, lançados fóra de seus estados, se acolhem a elles, particularmente fica sendo esta obrigação d'aquelles que tambem se viram já affligidos. E posto que meus trabalhos hajam sido tão differentes de todos, e as calamidades e miserias que continuamente padeço ha tantos annos sejam mais para dar exemplo que para o eu tomar de outros, basta a experiencia dos que vossa magestade teve causados de rebelliões de vassallos favorecidos de principes ambiciosos e injustos, para que na companhia de tantas virtudes reaes, como moram em vossa magestade, tenha por mui certo tudo o que

for de animo grande e valoroso, pelo que hei por escusadas palavras em lhe dar as graças da boa vontade que sempre mostrou para me assistir e ajudar em minha pretenção, que eu não duvido tivera effeito, se as incommodidades do tempo não foram dilatando tanto a vossa magestade a execução d'esta obra, e a mim encurtando-me a vida de maneira que temo acabar-se-me primeiro que eu acabe esta empreza; mas o que me consola é que, quando Deus d'isso for servido, nada deixei por fazer n'ella, dissimulando, padecendo, soffrendo, e pondo o rosto a todos os perigos que se me offereceram diante, por ver se em algum d'elles achava ou a morte ou a liberdade de meus reinos. E porque creio que a maior parte d'estas coisas que hei passado chegaria á noticia de vossa magestade, pois são tão publicas no mundo, não tenho para que as repetir, entendendo que assim como o conhecimento que os outros reis tiveram d'ellas os affeiçoou tanto á minha causa, assim tambem affeiçoará a vossa magestade para ter sempre debaixo de seu amparo e protecção todos aquelles que constantemente a seguiram. Com esta confiança peço a vossa magestade que, em caso que Deus me leve para si com esta sêde que trago ha tantos annos da restauração de Portugal, se queira lembrar de meus filhos e criados que n'estas partes deixo tão desabrigados, e tratal-os com a grandeza que vossa magestade costuma usar para com todos, mórmente para com affligidos e estrangeiros. E porque pela larga experiencia do amor e lealdade com que sempre me serviu Diogo Botelho, e do particular cuidado que tem de minhas coisas, lhe deixo encommendada esta minha pobre familia, peço a vossa magestade o queira assistir de maneira que lhes possa dar remedio para que não pereçam á mingoa. E porque tambem o que mais encommendo a meus filhos é trabalharem por se avançar de todos em tudo o que for serviço de vossa magestade, e nas demonstrações de amor e lealdade, espero que se hajam n'isto de maneira que mereçam todas as honras e mercês que lhes fizer vossa magestade, e que sejam ellas taes que sintam pouco haverem-me perdido a mim a troco de haverem ganhado em vossa magestade pae, rei e senhor, a quem Deus, que tudo póde, dê tão prosperos e felizes seculos como os seus verdadeiros amigos lhe desejam. — *Dom Antonio Rey de Portugal.* — De Paris a 22 de agosto 1595.»

II

PARA A RAINHA DE INGLATERRA, ELISABETH

«Serenissima senhora. — Quanto mais vou desconfiando da vida tanto vou mais sentindo ver que se me acaba antes de haver feito alguma demonstração do conhecimento que sempre tive das muitas e grandes obrigações em que estou a vossa serenissima magestade. E posto que haja dado occasião a se cuidar de mim o contrario com não lhe haver escripto todo este tempo atraz passado, são taes as razões que tive para deixar de o fazer, que mais m'o póde vossa magestade ficar agradecendo que dar-me por isso culpa, porque, como nunca saí de miserias e doenças depois que me apartei de vossa magestade, fôra impossivel saber o que passei e passo com ellas sem se enternecer e magoar segundo a branda natureza e real condição que conheço de vossa magestade. E de maneira apertam commigo os males de minha enfermidade, que cada vez me vão mais desenganando e chegando ao fim da vida. Porém pouco fôra em perdel-a, porque muitos dias ha que vivo só de graça segundo os continuos trabalhos e afflicções que padeço ha tantos annos; mas quando me lembro que deixo o meu reino de Portugal tyrannisado e sujeito ao commum inimigo sem lhe poder valer e que se me acabam as esperanças com a vida, confesso a vossa magestade que tenho por cruel a morte; porque, ainda que seja morrer na demanda e haja cumprido inteiramente com o que devo á minha honra, pouco mal me fazia a morte se eu vencêra e morrêra santamente, porque sempre pretendi mais libertar Portugal do que desejei lograr-o; mas como os juizos de Deus são incomprehensiveis, e costuma algumas vezes suspender o seu favor com causas justas, não fica sendo falta de quem as defende não prevalecer contra principes tyrannos e injustos. E porque fico n'este estado em que porventura seja Nosso Senhor servido levar-me para si, peço a vossa magestade que, pondo os olhos em sua grandeza, queira tomar meus filhos debaixo de seu amparo e protecção para os ajudar e assistir em seus desenhos, de que lhes mando dêem conta a vossa magestade, e juntamente a venerem como a mãe e sirvam como a senhora, reconhecendo a obrigação em que ambos estão a vossa magestade, um da honra e da vida e o outro de sua liberdade. A Diogo Botelho deixo encommendada minha familia, pela confiança que tenho no amor com que sempre tratou minhas coisas e do particular cuidado que tem d'ellas, e assim creio que não cançará em quanto viver de lhes procurar remedio; pelo que peço a vossa magestade o queira ajudar e favorecer para que o elle possa dar mórmente áquelles criados meus que, por velhos e doentes, o não podem buscar na guerra; e a Deus, a quem cedo espero ver, pedirei accrescente a vida e prospere o real estado de vossa serenissima magestade por largos annos, como póde. — *Dom Antonio Rey de Portugal.* — De Paris hoje 22 de agosto 1595.»

III

PARA OS ESTADOS GERAES DE HOLLANDA

«Senhores. — Uma das maiores dores que sinto n'esta minha doença tão comprida é ir-me consumindo a vida de maneira que cada vez me tira mais as esperanças de poder effeituar o que tanto desejava, como era remir Portugal e mostrar-vos juntamente agradecimento da boa vontade com que vos sempre achei promptos para me ajudardes em minhas pretenções. E posto que esta obrigação tendes aos portuguezes por quão amigos são e fôram sempre da nação flamenga, não deixo, porém, de entender que vos devo particularmente as demonstrações de amizade que commigo tivestes, as quaes, entre outras coisas que mais encommendado a meus filhos deixo, é esta uma d'ellas, para que, sendo Deus servido levar-me d'este mundo sem as poder satisfazer, se lembrem de as tomar á sua conta, mostrando-se em tudo que lhes for possivel tão zelosos e tão affeiçoados ao bem commum d'esses estados, que se conheçam n'isso por meus filhos; e assim creio que serão tratados d'elles como estes, e que os assistirão em seus desenhos de maneira que possam facilmente alcançar o que lhes deixo para fazerem a guerra a el-rei de Castella e o lançarem fóra de meus reinos. E como sabeis quanto vos importa esta empreza e os muitos respeitos que ha para folgardes de os favorecer n'ella, não tenho para que vol-os encommendar com mais palavras. Nosso Senhor vos guarde e prospere como desejaes. — Vosso bom e verdadeiro amigo *Dom Antonio Rey de Portugal.* — De Paris a 22 de agosto 1595.»

(Continúa) JOSÉ DE TORRES.

COIMBRA

(Additamento ao artigo concluido a pag. 344)

Quando tratámos da historia e descripção de Coimbra, em uma serie de artigos publicados n'este volume, reconhecemos por vezes a necessidade de nos restringirmos, tanto em attenção aos limites do jornal, que são estreitos para a variedade de materias a que

o obrigam o seu programma e a sua propria indole, quanto tambem pelo receio que tinhamos de cair em demasiada prolixidade. Todavia, aquella necessidade e este receio eram ao mesmo tempo combatidos em o nosso espirito pelas considerações que se ligam a uma terra importante, e tão importante como é Coimbra na historia geral do paiz, na das sciencias e letras, e tambem na das artes. Succedeu, pois, que navegando por entre escolhos, não soubemos conduzir o baixel sem que tocasse nos recifes e abrisse agua. Queremos dizer, que o proposito que nos levou a encurtar e pôr termo áquella serie de artigos, foi causa de que n'estes se dessem omissões que julgâmos dever reparar. Começaremos, pois, pelas associações de beneficencia.

Ás da *misericordia* e da *primeira infancia desvalida*, de que então fallámos, temos agora a accrescentar as seguintes pela sua ordem chronologica: *sociedade philanthropico-academica*, instituida para subministrar subsidios aos estudantes applicados da universidade e do lyceu, que por falta de meios não poderem continuar seus cursos: *sociedade de beneficencia typographica*, fundada em 1849 para soccorro dos artistas e mais empregados na imprensa da universidade: *sociedade consoladora dos afflictos*, creada tambem em 1849, com o fim de acudir com esmolas ás familias necessitadas; está a cargo de senhoras, e é filial da que existe em Lisboa com a mesma invocação: *monte-pio conimbricense*, instituido em 1851 para todas as classes de cidadãos que quizessem concorrer com as quotas mensaes designadas nos seus estatutos; está bem administrado e em situação prospera: *asylo da mendicidade*, foi fundado pelos conimbricenses no dia 16 de setembro de 1855, para solemnisarem a inauguração do reinado do sr. D. Pedro v; esteve primeiramente em o collegio do Carmo, depois foi transferido para umas casas em Mont'Arroio, que serviram outr'ora de roda dos expostos: *associação dos artistas de Coimbra*, da qual é protector el-rei o sr. D. Fernando; esta associação, que conta grande numero de socios, e mais de 13 annos de existencia, acha-se muito florescente, occupando casa propria, em cuja sala principal inaugurou-se a estatua do seu augusto protector, com grande solemnidade, no dia 29 de outubro de 1866; foi creada esta benemerita associação para prestar soccorro aos socios que d'elle precisem, e abrir cursos nocturnos: *associação commercial*, fundada em 1863.

Aos estabelecimentos de educação, mencionados nos citados artigos, temos a accrescentar o do *recolhimento do paço do conde*, instituido pelo bispo de Coimbra D. João de Mello, nos fins do seculo xvii ou principios do xviii, para mulheres convertidas, cujo instituto foi mudado em 1827 pelo bispo D. Joaquim da Nazareth, que da casa das convertidas fez recolhimento para educação de meninas pobres.

Além do *hospital geral*, a cargo da universidade, tem mais Coimbra o *hospital dos lazaros*, egualmente administrado pela universidade, e o da *ordem terceira*, mui bem mantido.

Aos theatros *Academico* e de *D. Luiz* temos a addiccionar o theatro *Boa União*, fundado por uma sociedade no edificio do extincto *collegio de Nossa Senhora da Graça*, o qual ha bastante tempo que não funcciona. Possue a cidade dois clubs, o *Academico*, reunido ao theatro do mesmo nome, e o *Conimbricense*, estabelecido em um bom predio, proximo do *arco de Almedina*, onde tem excellentes salas, mui bem guarnecidas.

Ha duas philarmonicas, intituladas *Boa União* e *Conimbricense*.

Não conta Coimbra mais que uma sociedade litteraria e scientifica, que é a do *Instituto*, creada e conservada até hoje com esplendor pelo corpo academico. Esta illustrada sociedade tem feito bons serviços ás letras com as suas diversas publicações periodicas, onde tem saído á luz muitos e excellentes artigos de sciencias e litteratura.

Seis typographias, diversas litographias, e oito periodicos, tres dos quaes politicos, dão mui vantajosa medida do movimento litterario de Coimbra. As typographias são: a *imprensa da universidade*, estabelecimento importante e bem organisado, que conta entre empregados e artistas 54 pessoas, e que dispõe de nove prelos de ferro, sendo tres do systema moderno, prensa hydraulica, etc., etc.; *imprensa litteraria*, é, depois do antecedente, o melhor estabelecimento typographico; *imprensa conimbricense*, onde se imprime o periodico do mesmo nome; *typographia do Tribuno Popular*, em que se imprime o periodico assim denominado; *typographia commercial*, imprime-se n'ella o periodico o *Paiz*; *typographia de Santos e Silva*.

Quanto aos periodicos são os seguintes: *Instituto*, litterario e scientifico, começado a publicar mensalmente em 1853, pela sociedade da mesma denominação, de que acima fallámos; é uma bella e util publicação, que honra simultaneamente a sociedade a que pertence e a terra onde vê a luz: *Jornal de Jurisprudencia*, exclusivamente scientifico, do modo que o indica o seu titulo; é semanal, e conta perto de dois annos: *Academia*, litterario e semanal; é de moderna data: *Amigo do Estudo*, litterario; sae de quinze em quinze dias, e está em começo de publicação: *Lyceu*, tambem litterario e em principio de publicação, redigido por estudantes do lyceu. Á frente dos periodicos politicos está o *Conimbricense*, pois conta quasi vinte annos de existencia; é o decano da imprensa das duas Beiras, e depois do *Nacional*, do Porto, é o mais antigo periodico das provincias; sae duas vezes por semana, nas terças-feiras e sabbados: o *Tribuno Popular*, é folha politica, que se publica nas quartas-feiras e sabbados, vae em doze annos: o *Paiz*, é tambem folha politica, de moderna data, e que sae nas quintas-feiras e domingos.

Coimbra, vivendo, por assim dizer, do movimento commercial e industrial, que lhe provém da universidade e dos outros estabelecimentos de educação, não tinha até ha poucos annos estabelecimentos fabris importantes. Hoje não succede assim; pois tem alguns que merecem ser mencionados, taes como a *fabrica de massas e bolachas*, do sr. Domingos Antonio de Freitas & Irmão, que trabalha com machina movida por vapor, e se acha estabelecida em edificio expressamente construido para esse fim; e a *fundição de ferro*, tambem com machinismo de vapor, pertencente ao sr. José Bernardes Gallinhas. Posto que sejam estas as principaes fabricas da cidade, ha alli várias outras, antigas, que separadamente não tem grande importancia, mas que representam todas juntas um ramo muito importante da industria e do commercio de Coimbra. Fallâmos das fabricas de loiça que alli denominam de *Bandel*, corrupção provavelmente de *Vandelli*, porque o fundador da primeira d'estas fabricas, ou o aperfeiçoador do processo da fabricação, foi o italiano Domingos Vandelli, que tão bons serviços prestou a este paiz no magisterio da universidade e na creação de estabelecimentos scientificos e litterarios, e tambem de industria, de quem por vezes temos fallado n'este jornal. Foi em 1784 que este homem, verdadeiramente util, fundou em Coimbra uma fabrica em que se fazia a melhor faiança que temos tido, e onde se fabricavam cadinhos e outros vasos proprios para laboratorios chimicos.

Além d'estas ha na cidade fabricas de chapéos, de sabão, de velas de sebo, etc. Trabalha-se com perfeição em obras de passamaneria, de marceneria, e na fabricação de doces, que constitue um bom ramo

de commercio de exportação para as outras terras do reino, principalmente Lisboa e Porto, e tambem para fóra do paiz. N'esta industria são eminentes e muito afamadas as freiras do *mosteiro de Cellas*, proximo da cidade.

No que escrevemos ácerca dos mercados e feiras temos a fazer algumas correcções e accrescentamentos. Na *Praça* ha mercado todos os dias, excepto nas terças-feiras, em que se faz no *largo da Feira*, em frente da sé nova. Ha, porém, uma terça-feira no anno em que deixa de se fazer alli, e é na immediata ao dia da festa e procissão da rainha Santa Isabel, na qual se faz aquelle mercado no espaçoso terreiro que serve de adro ao mosteiro de Santa Clara, em cujo templo se venera o corpo incorrupto da rainha santa. Outr'ora, segundo antiga usança, nenhuns generos se podiam vender n'esse mercado sem que primeiro os almotaçasse a abbadessa do convento.

No *Rocio de Santa Clara*, na raiz do monte em que se ergue o dito convento, ha feira de gado suino todas as terças-feiras, e no dia 23 de cada mez grande mercado de gado vaccum, suino, etc.

Tem Coimbra mais outra feira, durante alguns dias, no mez de agosto, pela festa de S. Bartholomeu.

Aproveitando o ensejo, vamos rectificar algumas incorrecções que apparecem na referida serie de artigos. A pag. 229, onde se diz que D. Fr. Amador Arraes se recolheu ao *seu collegio de S. Thomaz*, devia dizer-se *seu collegio de Nossa Senhora da Conceição*, que pouco antes se menciona como fundação sua.

Na mesma pagina, onde se lê, em seguida a se nomearem os tres conventos de freiras, de S. José, Sant'Anna, e Santa Thereza — *Este teve a primeira fundação no reinado de D. Sancho* I, *etc.* — foi equivoco a referencia, pois que a noticia diz respeito ao de Sant'Anna; achando-se mais abaixo a noticia que pertence ao de Santa Thereza.

A pag. 333, em vez de ler-se *theatro de S. Luiz*, deve ler-se *theatro de D. Luiz*.

Cabe aqui agradecer ao nosso amigo e collaborador do *Archivo*, o sr. A. M. Simões de Castro, os esclarecimentos que, em satisfação de pedido nosso, nos enviou para este additamento. I. DE VILHENA BARBOSA.

O PADRE D. MANUEL CAETANO DE SOUSA

Esboçando ha mezes n'este semanario o quadro biographico do illustre theatino D. José Barbosa, como que nos compromettemos [1] a compendiar egualmente a vida e acções do seu confrade e mestre D. Manuel Caetano de Sousa. Faltou-nos até hoje a opportunidade que para isso aguardavamos, distrahido como o temos sido por obrigações e trabalhos de diversas especies, que nos levam tempo e socego; e, o que mais é, pelos dissabores com que a fortuna porfia em contrariar-nos, dando contínuo rebate á nossa paciencia. Como, porém, o volume se acha proximo da conclusão, releva cumprir a promessa bem ou mal, e o faremos traçando n'elle algumas linhas para acompanharem o retrato do varão benemerito que de muito nos espera.

D. Manuel Caetano de Sousa nasceu em Lisboa a 25 de dezembro de 1658, sendo filho illegitimo de D. Francisco de Sousa, conselheiro de estado que depois foi nos reinados de D. Pedro II e D. João V, presidente do senado da camara de Lisboa, e do tribunal da mesa da consciencia, deputado da junta dos tres estados, e capitão da guarda real allemã.

Entregue de tenros annos aos cuidados de sua avó paterna, D. Leonor de Mello, recebeu em casa d'esta a primeira educação, passando successivamente ao estudo da grammatica e lingua latina, e ouvindo no collegio de Santo Antão as lições de rhetorica e philosophia.

Preparado n'estas disciplinas, que cursára com applicação e proveito, e pretendendo seguir a vida religiosa, abraçou o instituto de S. Caetano, vestindo a roupeta de clerigo regular na casa de Nossa Senhora da Divina Providencia no 1.º de fevereiro de 1675, quando contava apenas dezeseis annos de edade; e taes mostras deu de talento e aptidão, que os superiores o escolheram desde logo para ensinar o latim aos mais noviços.

Completo o anno das provas, proferiu os votos claustraes a 13 de junho de 1676. Continuou os estudos philosophicos e seguiu os da theologia, aprofundando uns e outros de sorte que veiu a ser mestre em ambas as faculdades, abrindo cursos publicos de uma e outra, com muito credito do seu nome e aproveitamento dos alumnos.

Distinguiu-se egualmente como orador sagrado, segundo o gosto que então dominava, merecendo os applausos dos contemporaneos a ponto de que muitos o proclamavam um segundo Vieira. É força confessar que os seus quatro sermões, que unicamente nos deixou impressos, de tantos que prégára nas mais luzidas festividades da corte, estão bem longe de justificar aquelle exaggerado conceito: pois que, pretendendo seguir os passos do celebre jesuita, só consegue imital-o de perto no que tem de defeituoso, ficando-lhe nas bellezas incomparavelmente inferior. Porém não o entendia assim aquelle seculo.

O seu nascimento, e a conta em que já era tido por sua sciencia, applicação e porte sisudo, deram-lhe entrada na corte e attrahiram sobre elle as graças do monarcha. D. João V começou a manifestar-lhe a sua estima, nomeando-o examinador das tres ordens militares e do priorado do Crato, e pouco depois deputado da junta da bulla da cruzada. Seus confrades, conscios da sua capacidade, não tardaram em elleval-o ao logar de preposito. Desvelava-se elle no cumprimento das obrigações correspondentes, sem que por estes cargos abandonasse o estudo, que foi sempre occupação principal em todo o tempo de sua longa vida. Como instrumentos do saber amava apaixonadamente os livros, e conseguiu reunir para seu uso uma livraria de sete mil volumes, assaz copiosa para aquelles tempos. D'elles doou mais tarde dois mil á communidade, deixando-lhe por morte os restantes.

Eleito para ir ao capitulo geral da sua religião, que devia congregar-se em Roma, aproveitou gostoso um ensejo tão favoravel para ampliar os seus conhecimentos, vendo o que havia de melhor em toda a Italia, e tratando de perto com os seus homens mais notaveis. Mais de tres annos consumiu n'esta digressão, saíndo da patria a 17 de outubro de 1709, até voltar a ella em 26 de fevereiro de 1713. Durante este periodo, afóra a detença que por vezes fez em Roma, visitou e percorreu successivamente, com espirito de observação, os principaes estados e cidades da Italia: Milão, Mantua, Florença, Napoles, Veneza, Genova e Padua. Bem acolhido por toda a parte, tomando conhecimento e amizade com os sabios e eruditos, recebeu honrosas demonstrações, entre outras a de ser admittido socio na celebre Arcadia romana, sob o nome pastoril de Telamo Anomio. Nada escapou ás suas indagações, e de tudo o que viu e passou escreveu umas interessantes e curiosas *Memorias* ou *Diario*, em quatro tomos de 4.º, que ficaram manuscriptos; porém d'ellas nos dá um copiosissimo extracto D. Thomaz Caetano de Bem no tomo II das suas *Memorias historicas e chronologicas da sagrada religião dos clerigos regulares*, cujo livro 8.º, de pag. 321 a 464,

[1] Vid. pag. 234 do presente volume.

é todo consagrado á narrativa das acções do padre Sousa.

De volta a Lisboa, proseguiu com o mesmo fervor na sua estudiosa carreira; e sendo já membro da academia portugueza, que então florecia no palacio do conde da Ericeira, concebeu, em 1720, o projecto da creação de um novo e mais auctorisado corpo, qual foi a academia real de historia portugueza, cuja traça e plano se lhe devem, e da qual foi um dos primeiros directores, encarregado de escrever na lingua latina a historia ecclesiastica de Lisboa e as vidas dos seus prelados.

Grangeando de cada vez maiores creditos para com o soberano, recebeu d'elle novas e avantajadas mercês. De deputado passou a ser, em 1721, nomeado pro-commissario geral da bulla, com as preeminencias e proventos de commissario geral; e no anno seguinte foi-lhe dada carta do conselho del-rei. Foi-lhe ainda offerecida a mitra do Funchal, que refusou com humilde e christã abnegação, julgando superiores ás suas forças os deveres do episcopado. E tal era a estimação em que o tinha D. João V, que, em occasião de doença, chegava a visital-o no seu proprio cubiculo.

Nem as honras de que gozava na corte, nem as que recebia dos sabios da Europa, com quem sustentava uma correspondencia seguida, poderam jámais deslumbrar-lhe o animo, inspirando-lhe sentimentos de soberba. O seu trato era lhano e cortez para todos, e os que d'elle careciam achavam protecção e soccorro efficaz. Por tres vezes foi eleito prelado da sua communidade.

Possuindo avultado rendimento em ordenados, tenças e pensões, tudo (segundo se affirma) consumia em livros e esmolas, vestindo-se pobremente e alimentando-se de manjares grosseiros. Fez até imprimir á sua custa as obras de alguns escriptores seus contemporaneos, cuja falta de recursos lhes não consentia correrem elles proprios com as despezas da impressão.



O padre D. Manuel Caetano de Sousa

Das que elle compoz, em numero de 289, e que pela maior parte ficaram inéditas, póde ver-se o extenso catalogo que d'ellas fez o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, seu particular amigo e admirador, sob o titulo de *Bibliotheca Sousana;* o qual fórma um grosso volume de 250 paginas em 4.º grande, impresso em Lisboa por José Antonio da Silva, no anno de 1736.

Excellente disposição physica e regularidade de costumes concederam a D. Manuel Caetano de Sousa chegar a edade avançada com robustez de corpo e espirito, sempre estudando, prégando e escrevendo; até que em fim, atacado de enfermidade mortal, que os medicos capitularam de asthma sêcca, depois de luctar algum tempo, rendeu em fim o espirito, expirando nos braços de seus confrades, e chorado por amigos e pelos desvalidos, cujo protector era, a 18 de novembro de 1734, contando de edade 76 annos incompletos.

Fizeram-se-lhe exequias sumptuosas; e as academias de que fôra conspicuo membro celebraram em sua memoria sessões funebres, nas quaes se recitaram eloquentes panegyricos, segundo o gosto do tempo. Alguns existem impressos.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

DESENGANO A TEMPO

(EXCERPTO)

Assim como quem dá logo dá duas vezes, assim parece que despacha duas vezes quem despacha bem e logo. Despacha uma vez, concedendo a mercê; e despacha outra, atalhando passos, cuidados e despezas.

A el-rei D. João II de Portugal chegou um pretendente pedindo certo officio.

— Já está dado, disse o rei.

E o pretendente lhe rendeu as graças, beijou a mão e despediu-se.

Suspeitou o rei que não percebêra a repulsa, e disse:

— Vinde cá: de que me déstes as graças?

— Pela mercê, respondeu, que vossa alteza me acaba de fazer.

Tornou o rei:

— Que mercê vos fiz eu?

— Senhor, disse ultimamente o homem, a de desenganar-me sem me remetter a ministros; porque n'isto me poupou muitos passos, e enfado, e dinheiro, que havia desembolsar sem proveito.

P. MANUEL BERNARDES.

ALGUMAS NOTICIAS ÁCERCA DO MOSTEIRO DE BELEM

E DOS ARCHITECTOS QUE SE EMPREGARAM NA SUA CONSTRUCÇÃO

..........................templo
Que a piedade e fortunas apregoa
De Manuel o feliz; padrão sagrado
De gloria e religião; esmero d'artes,
Protegidas d'um rei, que soube o preço
..................que ahi resguarda
As cinzas do monarcha afortunado.

Garrett — Poema *Camões*, canto III.

O real mosteiro de Nossa Senhora de Belem, que outr'ora pertenceu aos monges da ordem de S. Jeronymo, foi fundado por el-rei o sr. D. Manuel, com todo o fasto oriental e toda a pompa, no anno de 1497, pelo risco e desenho do architecto Boytaca ou Boytaqua.

Tem a frente d'este regio edificio de comprimento 1:289½ palmos, toda de architectura arabe ou mourisca [1], a qual é de pedra branca [2], com um portico que diz para o meio-dia, sendo este, pela sua grandeza e magnificencia, admiravel, e guarnecido de um numero immenso de engraçados ornatos, como elegantes pyramides, esculpturas, baixos-relevos, columnas, e mais de trinta estatuas; e no topo está collocada uma imagem de Nossa Senhora dos Reis com o Menino Deus nos braços; a porta é bipartida por uma columna de muitos lavores com delicado pedestal e capitel, sobre o qual se vê a estatua do sr. infante D. Henrique, vestida com arnez e grevas, e em cima do arnez uma dalmatica, onde se observam tres escudos reaes sobre a cruz da ordem de S. Bento de Aviz, acompanhados do banco de pinchar, tendo na extremidade da dalmatica varios emblemas, como as armas da cidade de Vizeu (de que era duque), espheras armillares, etc.; na mão direita empunha a espada, e com a esquerda aponta para as armas da cidade do Porto, onde nasceu; e junto ao pé esquerdo tem o elmo com viseira e coronel; formando este portico um grupo o mais bello, não só pelos seus differentes desenhos, mas pela architectura, bom gosto e symetria que n'elles se observa. A portaria principal do mosteiro fica debaixo de um arco [3], e no frontão d'ella estão gravados em pedra os disticos latinos, compostos no reinado del-rei o sr. D. João III pelo mestre André de Resende, que dizem:

Vasta mole sacrum Divinæ in litore Matri
Rex posuit Regum Maximus Emmanuel
Auxit opus hæres Regni, et pietatis uterque
Structura certant, religione pares.

Entrando esta portaria, está ao lado direito a porta principal da egreja, que é de um só arco, em circunferencia do qual se observa uma bella esculptura na cantaria que o fórma, representando o nascimento de Christo, a annunciação de Nossa Senhora e a adoração dos Reis Magos, com mais diversas figuras, como a de S. Jeronymo e outras; do lado esquerdo está uma estatua representando, de joelhos, a el-rei o sr. D. Manuel, e do direito outra da rainha a sra. D. Maria, *Castelhana*, sua segunda mulher. Sobre o côro fica a casa do relogio e a torre dos sinos, que é de figura oitavada, conformando-se com todo o mais edificio.

Tem a egreja desde a porta principal, que abre para o poente, segundo a postura das egrejas antigas, até ao primeiro degrau do cruzeiro, 225 palmos, e d'alli até ao primeiro da capella-mór 88; d'este ao altar-mór 70; os quaes, juntos, dão um comprimento ao templo de 383 palmos.

A largura do cruzeiro é de 220 palmos de altar a altar collateral.

Os architectos das obras do mosteiro de Belem do reinado del-rei o sr. D. Manuel e D. João III foram: 1.º Boytaca; 2.º Francisco Benavente; 3.º Domingos Guerra; 4.º João de Castilho; 5.º Thiago de Torralva; 6.º Luiz Fernandes; 7.º Lourenço Fernandes; 8.º Nicolau Francez; 9.º Filippe Henriques; 10.º Rodrigo de Pontezylha; 11.º Leonardo Vaz; 12.º João Gonçalves; 13.º Rodrigo Affonso; 14.º Fernando Fermoza.

Na primeira columna que fica do lado do Evangelho, junto ao degrau que faz subida para o pavimento do cruzeiro, está esculpido, em meio relevo, o busto do architecto Boytaca; e debaixo do primeiro degrau, que dá subida para a capella-mór, jaz o referido architecto, para onde o mandou trasladar D. Filippe I de Portugal, no anno de 1582, do pavimento da porta travéssa, sob que estava sepultado aquelle que tinha todas as circunstancias de singular architecto.

Lá vae agora ser exposto o modelo em madeira d'este regio edificio, no estilo chamado impropriamente *gothico*, e com maior razão *manuelino*, na exposição de Paris do anno de 1867. ABBADE DE CASTRO.

Tivemos occasião de ver e admirar o bello modelo a que se refere o artigo supra, cujo desenho foi feito pelo distincto architecto, o sr. J. Possidonio Narciso da Silva. O sr. Silva, traçando a planta d'aquelle edificio monumental com um projecto de acabamento de sua invenção, e obtendo que mui habilidosas mãos executassem esse risco em madeira, e com proporções taes que deixa ajuizar com a maior exactidão da magnificencia e bellezas artisticas do monumento, fez um bom serviço ao paiz e ás artes.

O talentoso esculptor, o sr. Henrique José da Silva, que vivia ignorado dos seus proprios compatriotas, ficará com o seu nome inscripto entre os artistas portuguezes de merito. O monumento por excellencia das glorias de Portugal vae ser dignamente representado na exposição universal de Paris. A magestade e formosura do edificio, e a perfeição do trabalho esculptural, hão de chamar sobre elle, certamente, as vistas e attenção das pessoas que concorrerem áquella esplendida festa do trabalho.

O monumento fallará então de si e de nós. Dirá a quem o contemplar que é o padrão d'esse feito arrojado, que, deixando assombradas todas as nações do mundo, serviu de pedra fundamental á moderna civilisação. Dirá que foi erigido por um povo, que de um cantinho dos confins da Europa estendeu o seu nome e o seu poder, e levou a luz do Evangelho ás mais longinquas e reconditas regiões do globo. Dirá que esse povo, tomando o passo ás nações que mais se ufanavam de civilisadas, caminhou no longo espaço de um seculo á frente do progresso humanitario. Dirá, em fim, que n'esta boa terra de Portugal, hoje desconhecida de uns e ainda mal apreciada por outros, floreceram as artes de envolta com as letras e as sciencias.

Tal é o serviço que o sr. architecto Silva acaba de prestar á sua patria. Para que esse serviço fosse completo, não quiz, com muita razão, que o modelo mostrasse aos estranhos as vergonhosas superfetações com que a ignorancia e a barbaridade ousaram mascarar a nobre frontaria do templo, obstando ao seu acabamento. Com o bello projecto de conclusão do templo, que imaginou, livra-nos d'aquelle labéo, e pouco se afastará da verdade, pois que, segundo o progressivo desenvolvimento das obras da restauração e acaba-

1 Tinha ella duas fórmas: a antiga era baixa e pesada, e a moderna, pelo contrario, sêcca e mui alta, participando assaz do gosto arabe ou mourisco, que foi a que seguiu o architecto Boytaca. O seculo XVI estancou subitamente o jorro architectural do genero humano. Operou-se uma revolução nas artes e nas idéas.

2 Toda a pedra d'este edificio foi tirada das pedreiras de Alcantara ou da banda d'além; e é de sua natureza calcarea.

3 O altar de pedra, que alli ainda se vê collocado debaixo d'este arco, é o proprio onde se celebrou a missa no sabbado 8 de julho de 1497, antes de embarcarem os argonautas Vasco da Gama, Paulo da Gama, seu irmão, Nicolau Coelho, Gonçalo Nunes e 170 companheiros, para o descobrimento da India.

mento do edificio, em breve desapparecerão esses tristes documentos de uma epocha de decadencia das artes.

Os ultimos numeros do volume, em que é preciso economisar espaço para a conclusão de todas as materias encetadas no mesmo volume, não nos offerecem logar conveniente para analysar o projecto imaginado pelo sr. Silva. Aguardaremos para isso occasião opportuna, em que possamos fallar do plano que se está executando.

I. DE VILHENA BARBOSA.

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

(Conclusão. Vid. pag. 382)

XI

Retomemos a nossa dolorosa missão; acompanhemos na sua peregrinação para o Calvario este desgraçado pae, que só vive para vingar a morte de seu filho, que em outra coisa não pensa, que tudo o mais despreza.

Chegára entretanto a Cochim Affonso de Albuquerque. Todos sabiam ou suspeitavam que era elle o designado para substituir o vice-rei quando terminassem os tres annos do seu governo, que estavam a findar. Por conseguinte, como era natural, a intriga não dormitou, e principiou logo a enlear o novo chefe, lisongeando-o servilmente, e martellando-lhe todos os dias os ouvidos com as accusações dirigidas ao vice-rei. Infelizmente, a occasião era propicia aos intrigantes; Affonso de Albuquerque vinha desejoso de castigar os capitães que lhe tinham desertado, e estava descontente por ver que o vice-rei tardava em fazer justiça; por outro lado o vice-rei, absorvido n'um pensamento unico, adiava a solução do negocio, de maneira que podia fazer suppor que desejava proteger os criminosos. Bem longe estava isso da sua mente; o que elle queria era que o deixassem occupar-se apenas da sua vingança.

Aqui principiaram as deploraveis discordias que ruins cortezãos accenderam entre estes dois grandes homens. D'esta vez cabem as culpas a Affonso de Albuquerque; depois se inverterão os papeis. O novo governador, temendo que lhe fugissem os réos, reclamou a entrega do poder. D. Francisco de Almeida pediu-lhe com toda a moderação que o deixasse satisfazer o mais vivo desejo da sua alma, vingar-se dos rumes, que depois com jubilo se descarregaria d'esse poder, que fôra para elle uma cruz bem dolorosa.

Affonso de Albuquerque, em presença d'aquelle velho pae curvado por dor tão funda, sentiu a injustiça e a inopportunidade das suas reclamações, e, resgatando nobremente os seus erros, pediu desculpa ao vice-rei, e offereceu-se para o acompanhar pessoalmente na sua expedição. Não o acceitou o vice-rei, dizendo-lhe que não convinha exporem-se n'uma batalha, que devia ser mais rija que as habituaes, as duas pessoas a quem el-rei confiára os destinos da India.

Entretanto, a nova batalha de Chaul, exaggerada pela fama e pelo desejo que os moiros tinham de engrandecerem os seus feitos, corrêra de bocca em bocca toda a costa do Malabar, espalhára por toda a parte immenso jubilo, e reanimára o espirito aos nossos inimigos. Não eram invenciveis os leões dos mares. Melek-Iaz é que sabia a verdade, e temia as consequencias da empreza que a India toda acclamava com enthusiasmo. Para se resguardar dos perigos futuros, tratava com immenso carinho os captivos portuguezes, e procurava persuadir-lhes que, se entrára em Chaul, fôra só com a intenção de rematar a derrota dos rumes, se os portuguezes fossem victoriosos, e de protegêr estes quanto podesse no caso contrario. Ao mesmo tempo, como sabia dos preparativos que o vice-rei estava fazendo, receioso de que o leão desagrilhoado, se não encontrasse a esquadra dos rumes, cevasse as iras na cidade de Diu, fazia todos os esforços para reter Mir-Hussein. Não era difficil; este, ufano com a meia victoria que alcançára, e mais ainda com os exaggerados gabos que de toda a parte lhe faziam, não pensava em se retirar. Das alturas a que o orgulho o guindára devia ser dolorosa a quéda; depois de devanear a gloria de libertador da India, devia ser terrivel a desillusão do fugitivo.

Entretanto, o vice-rei apromptára a sua armada, que constava de vinte e uma velas tripuladas por mil portuguezes. Com esta pequena esquadra ia elle affrontar a armada dos rumes, ainda poderosa, as forças de Melek-Iaz, que se inclinaria de certo para o partido que tivesse mais probabilidades de victoria, e as fustas de Calicut, que, esperando verem-se livres dos seus implacaveis inimigos, tinham vindo em numero de trezentas collocar-se ás ordens de Mir-Hussein.

A navegação de D. Francisco de Almeida foi a passagem do javali ferido por entre a matilha de cães que ousa affrontar-lhe as iras. Os incendios das cidades inimigas que encontrava no seu caminho foram os pharoes que lhe illuminaram a derrota. Deixando atraz de si um rasto de fogo e de sangue, appareceu, finalmente, em frente da barra de Diu. Assustado com estes preludios, Mir-Hussein, já um pouco abatido, tinha desejos de se esquivar a um combate, e de se retirar para a sua patria com os loiros do seu primeiro triumpho, ainda intactos. Mas pelo mesmo motivo oppoz-se Melek-Iaz a essa determinação; e, vendo a furia do vice-rei, decidiu-se a combatel-o com todo o seu poder, confiando na sua astucia para se sair da posição difficil no caso de desastre.

Mas, primeiro que tudo, o habil indiano desejava poupar á sua cidade os horrores de um bombardeamento. Vendo a pequena esquadra do vice-rei, Mir-Hussein cobrára animo. Melek-Iaz persuadiu-lhe que seria mais conveniente sair a barra e offerecer batalha aos portuguezes. Assim se decidiu, combinando-se o seguinte plano: as naus sairiam do rio, mas iriam cosendo-se com a terra e lançariam a ancora; se os navios portuguezes as abalroassem, cortariam a ancora, e deixar-se-hiam atrevidamente dar á costa, onde as suas tripulações encontrariam abrigo e auxilio, e onde os navios portuguezes, enlaçados com elles e arrastados nos seus movimentos, encontrariam a perdição.

O plano era desesperado, mas não era despiciendo. Felizmente, adivinhou-o o genio militar do vice-rei, e resguardou os seus navios do perigo, ordenando aos mestres que, mesmo abalroando, conservassem ancoras da pôpa, a que se podessem segurar quando as naus inimigas tentassem arrastal-os, de fórma que o plano dos rumes se tornava só prejudicial a elles mesmos, e seria a causa da sua propria derrota.

Foi esse o ultimo clarão do grande espirito vacillante e prestes a apagar-se, combatido pelo vento da má ventura. Depois de ter providenciado d'esta fórma, o seu unico desejo foi morrer vingando-se. Pediu como grande favor aos seus capitães que o deixassem ir na dianteira. Não lh'o consentiram elles, e instaram respeitosamente para que conservasse o seu posto de commandante.

Foi no dia 3 de fevereiro de 1509 que se travou essa grande batalha. Renhida foi ella, e custou muito sangue. Os rumes combatiam como guerreiros costumados a fazerem tremer a Europa; a sua artilheria em nada era inferior á portugueza. Mas a manobra que tinham imaginado foi, como o vice-rei previra, a causa da sua destruição. Os navios portuguezes soltaram-se das naus que tinham abalroado, apenas estas cortaram as amarras para darem á costa, e os rumes, que tencionavam deitar-se a nado protegidos pelo fogo da terra, viram-se, pelo contrario, obrigados

a procurar salvar-se debaixo do fogo da artilheria portugueza. Então é que o combate se transformou em verdadeira carnificina. Debalde as fustas tentaram sair do rio para operarem uma diversão; a nau do vice-rei, collocada junto da barra, deixando-as aproximarem-se a tiro de peça, e varejando-as depois com a artilheria, que, em cada descarga, destroçava quinze ou vinte, obrigou-as sempre a voltarem para dentro do rio com perdas consideraveis.

Saciára amplamente o vice-rei a sêde de vingança que o devorava. Foi só então que o seu espirito desfalleceu e que mostrou a dor profundissima que o lacerava. Quando os tripulantes da nau de D. Lourenço, captivos de Melek-Iaz, vieram para bordo da esquadra portugueza, carregados de prezentes que o indiano lhes dera com a liberalidade que o medo inspira, sentiu o vice-rei finalmente romperem-lhe as lagrimas dos olhos abrazados.

Por mais eloquente que fosse a nossa prosa, não poderia competir com a singela narração do velho chronista, que conta esta scena com despretenciosa ingenuidade, e que sabe arrancar lagrimas sem aspirar a isso.

Oiçamos Gaspar Corrêa:

«Chegados os captivos á nau do vice-rei, lhe tangeram as trombetas e ataballes, e o vice-rei com os capitães os veiu receber a bordo da nau, e os abraçou a todos com muitas lagrimas que então o vice-rei não pôde suster, porque todos choravam dizendo: «Senhor, nós somos desaventurados que ficámos vivos, não morrendo com o vosso bom filho, que está na gloria.» O vice-rei, com as lagrimas que lhe corriam pelas barbas compridas, encobrindo sua grande dor com o rosto e palavra alegre lhes respondeu: «Meus filhos, isso já passou e trespassou minha alma; agora nos alegremos com esta boa vingança, que Nosso Senhor por Sua Misericordia nos deu.» E se foi assentar na tolda com todos, com um lenço na mão que não podia estancar as lagrimas que lhe corriam. Disse, fallando com os fidalgos e capitães: «Ver estes homens me causou lembrança com que a fraqueza da carne não pôde resistir á dor do coração, que deu causa a minhas lagrimas, que até agora por mór tormento meu nunca saíram senão n'esta hora, vendo estes parceiros que foram no convite em que meu filho acabou seus dias e eu comecei meus males, que me atormentarão até minha alma se apartar d'esta fraca carne, que não tem forças contra os trabalhos d'este triste mundo.»

Que pungitiva scena! e como eu vejo com os olhos da phantasia este heroe, este velho, rodeado dos trophéos da victoria, e deixando correr as lagrimas em fio pelas longas barbas alvas de neve, no meio dos fidalgos que, esquecidas as offensas, os aggravos, as intrigas, contemplam respeitosos esta dor immensa, esta agonia indescriptivel de um pae!

XII

Cerrâmos aqui a biographia de D. Francisco de Almeida; que mais podêmos accrescentar depois d'isto? Não nos diz bem claramente esta scena que o grande espirito morreu para o mundo, que o vice-rei, brilhante e energico, jaz no fundo das aguas de Chaul, abraçado ao cadaver de seu filho, e que o homem, que volta para Cochim á frente da armada vencedora, não é já senão o reflexo de si mesmo, um automato cuja vida é apenas uma irritabilidade nervosa e sombria, de que todos se aproveitam para o fazerem adoptar a causa das suas paixões, dos seus resentimentos e dos seus receios?

É isso o que explica as lamentaveis discordias que de novo se accenderam entre Affonso de Albuquerque e elle, mas em que d'esta vez foi o vice-rei o principal culpado. Nós, que seguimos passo a passo a vida do vice-rei desde que chegou á India, que o vimos sempre dar provas de tanto bom senso, tanta moderação, tanta nobreza de alma, tanta elevação de espirito, espantâmo-nos de o ver de subito mudar, travando luctas mesquinhas, recusando entregar o governo (que, dizia elle mesmo, lhe estava sendo antes pesado encargo do que gloriosa coroa), mostrando uma incerteza, umas hesitações, uma irritação pueril, affligindo os que sinceramente prezavam a sua boa reputação, e terminando a final quasi vergonhosamente essa lucta indigna d'elle, porque cedeu não ao direito, representado pelo vulto de Affonso de Albuquerque, mas á força representada por uma esquadra que chegára do reino e que vinha commandada pelo *mariscal*, sobrinho do novo governador.

É tão visivel o contraste, que é facil, parece-nos, ver os fios occultos que dirigem o enredo. Os officiaes que tinham servido com Affonso de Albuquerque em Ormuz, receiosos do seu genio severo, instigaram o vice-rei a que não entregasse o governo; por outro lado, Gaspar Pereira e alguns seus apaniguados insistiram com Affonso de Albuquerque para que o reclamasse. E taes coisas disseram de um ao outro, valendo-se da atonia em que estava immerso o vice-rei, e do desejo que Affonso de Albuquerque tinha de possuir os capitães desertores, que deu isso origem ás scenas escandalosas que n'essa epocha pungiram o coração de todos os bons portuguezes, e do seu fiel e judicioso alliado, o rajah de Cochim.

Não as contaremos; são ellas bem conhecidas, e não temos animo, depois de havermos estado immersos no immenso esplendor d'esta gloria, de analysarmos pausadamente as manchas que lhe empanaram o brilho.

Finalmente, partiu o vice-rei para a Europa; no fim do seu vice-reinado praticára algumas crueldades, que explica mas não desculpa a dor causada pela morte de seu filho; mas levava ao menos as mãos limpas do oiro indiano; ainda havia pouco em Diu recusára magnificos diamantes que Melek-Iaz lhe offerecêra. Digamos sempre que o astuto indiano conseguiu livrar-se da vingança do vice-rei, entregando-lhe todos os seus alliados que pôde apanhar, e pagando uma contribuição de trezentos mil xerafins, que foram em parte consagrados a recompensar generosamente os que haviam pelejado, e a valer ás viuvas dos que tinham morrido combatendo.

Não quiz o destino que D. Francisco de Almeida tornasse a ver a terra onde nascêra; uma setta obscura, despedida por um troço de cafres selvagens proximo do cabo da Boa-Esperança, poz fim a esta gloriosa vida. Talvez fosse compadecida a sorte; poupou-lhe a dor immensa de entrar sósinho no Tejo, d'onde partíra levando ao seu lado o filho valente e airoso, que todos os paes lhe invejavam.

Nem o cadaver poderam salvar os portuguezes, e alli ficou abandonado nos areiaes africanos o homem que fizera tremer a Asia.

Foi só então, como sempre acontece, que os governantes d'esta terra conheceram o valor immenso do homem que a patria perdia. Quando a nova chegou ao reino fecharam-se as janellas do paço em signal de lucto, e D. Manuel pranteou a morte do seu honrado servidor.

Dois grandes homens teve a India, dois robles augustos que dominam essa espessa floresta de heroes — D. Francisco de Almeida e Affonso de Abuquerque. Ambos morreram longe da patria, a ambos encheu de amarguras o rei ingrato, a quem a posteridade chamou *venturoso!* Como havia de ser perduravel a nossa gloria, se os que enlaçavam no diadema portuguez as joias mais fulgentes só recebiam em recompensa a corôa dos espinhos e a palma do martyrio?

M. Pinheiro Chagas.